



## Universidades Lusíada

Rapaz, Virgílio José, 1942-

### **Os grandes economistas : como as suas ideias nos podem ajudar**

<http://hdl.handle.net/11067/5370>

<https://doi.org/10.34628/1ytb-aj15>

#### **Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2019
<b>Resumo</b>	A obra intitulada "Os grandes economistas: como as suas ideias nos podem ajudar", de Linda Yueh, é a tradução portuguesa do volume publicado pela Penguin Books, com o título "The great economists: the thinkers who changed the world - and how their ideas can help us today", em 2018. A autora é "Fellow" em Economia na Universidade de Oxford e Professora Adjunta em Economia na London Business School. Tem tido uma variada actividade jornalística na rádio e na televisão. Escreve, também, com regular...
<b>Palavras Chave</b>	Yueh, Linda, 1977- Crítica e Interpretação, Economia - História
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FCEE] LEE, n. 27 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T15:00:28Z com informação proveniente do Repositório

## OS GRANDES ECONOMISTAS

### Como as suas ideias nos podem ajudar

Linda Yueh (2019)  
Clube do Autor, S.A., Lisboa

**Virgílio Rapaz**

Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa da Universidade Lusíada

#### **Apresentação**

A obra em avaliação é a tradução portuguesa de volume publicado em inglês, no ano passado (1). Registe-se, com agrado, a rápida disponibilização, na nossa língua, de texto tão encomiasticamente recebido na sua edição original.

A Autora é “*fellow*” em Economia na Universidade de Oxford e Professora Adjunta de Economia na London Business School. Tem tido uma variada actividade jornalística na rádio e TV; escreve regularmente para reputados jornais ingleses e americanos.

Neste seu primeiro livro, visa analisar as ideias dos Grandes Economistas que transformaram a economia moderna, criando uma prosperidade sem precedentes. Nas suas próprias palavras e retomando o tema do exergo do título: “*essas ideias do passado podem ajudar a orientar-nos à medida que enfrentamos os desafios económicos dos nossos dias*” (Pg. 11).

Quem foram estes Grandes Economistas? Ela defende, como ponto de partida, o critério de que o trabalho deles tem de ter implicações directas nos actuais problemas económicos. Depois, como segundo factor qualificador, a sua relevância para “*o crescimento económico – isto é, o ritmo e a qualidade do desenvolvimento – ... no contexto de um mundo globalizado*” (Pg. 12).

Quem foram os eleitos? Adam Smith, Ricardo, Marx, Marshall, Fisher, Keynes, Schumpeter, Hayek, Robinson, Friedman, North e Solow foram os doze seleccionados. Porquê doze? Porquê estes doze? A própria Linda Yueh reconhece

que foi uma escolha difícil, avançando mesmo nomes que poderiam ter sido incluídos, como Minsky ou Samuelson. Muitos outros, acrescentamos nós, poderiam constar do elenco: cronologicamente, Malthus, Stuart Mill, Walras, Tobin, Stiglitz, Mundell ... que, aliás, na maior parte, são mencionados ao longo das suas páginas. Mas, mais do que criticar o que não está, concentremo-nos no que está.

Pena que a obra não se intitule "*Grandes Economistas*" em vez de um limitativo, exclusivo, exaustivo, "*Os Grandes Economistas*": os não-listados não são grandes? Só esta dúzia merece esse adjectivo? Deveria ter sido evitada uma abordagem de conjunto fechado: Schumpeter (1951) poderia ter servido de inspiração com os seus "*Ten Great Economists from Marx to Keynes*" (2).

Claro que diferentes autores apresentam propostas desiguais. Assim, por exemplo, a reputada lista "*50 Economics Classics*" (Butler-Bowden, 2017) ignora os trabalhos de Fisher, Robinson, North e Solow. Mas, numa repescagem, estilo segunda divisão, "*50 more Economics Classics*", Fisher é o único ausente. Em compensação, é privilegiado por Schumpeter (1951, Pg. 223), que não hesita mesmo em o rotular como "*potentially the greatest economist that America produced*".

Yueh nota que, em grande medida, preferiu "*economistas de uma safra mais antiga*" (Pg. 13), explicando que, se é verdade que eminentes economistas modernos, muitos laureados com o chamado Prémio Nobel, estão activamente envolvidos na busca de soluções para os problemas contemporâneos, com destaque para o aumento das taxas de crescimento económico, "*a sua investigação está enraizada na obra daqueles que criaram os modelos generalistas que formam os alicerces da ciência económica*". São esses "*os grandes economistas*": o livro procura revelar "*de onde vieram as suas ideias e como a sua perspectiva moldou o pensamento económico*" (Pg. 13).

## Conteúdo

O núcleo da publicação associa cada um dos Grandes Economistas a uma questão económica da actualidade, identificada sob forma interrogativa. Para esclarecimento do Leitor, divulgamos o acasalamento: Adam Smith – O governo deve reequilibrar a economia?; Ricardo – O défice comercial é relevante?; Marx – A China pode vir a ser rica?; Marshall – A desigualdade é mesmo inevitável?; Fisher – Corremos o risco de repetir os anos 1930?; Keynes – Investir ou não investir?; Schumpeter – O que é que estimula a inovação?; Hayek – O que podemos aprender com as crises financeiras?; Robinson – Porque é que os salários são tão baixos?; Friedman – Os bancos centrais são demasiado controladores?; North – Porque há tão poucos países prósperos?; Solow – O crescimento lento será a regra do futuro?

Naturalmente que, por um lado, distintos problemas poderiam ter sido destacados, e, por outro, combinações diferentes seriam defensáveis. Mas, em geral,

parece-nos uma matriz aceitável, talvez com a possível excepção de “Fisher/anos 1930”: a bem conhecida incapacidade de previsão da crise e da sua duração (3) causa alguma perplexidade, como âncora de referência.

Ao longo dos capítulos personalizados, oscilando entre as vinte e as trinta páginas, pode dizer-se que Yueh apresenta uma história do pensamento económico desde Adam Smith até aos nossos dias, sem descurar as ligações entre os diversos autores, por afinidade ou oposição. As inovações anteriores à “*Riqueza das Nações*” são episodicamente mencionadas, mas sem referências nominais a qualquer mercantilista ou fisiocrata (4): o colectivo prima absolutamente sobre o individual, contrastando com o nominalismo dos Doze.

Cada um deles começa com uma narrativa da vida e da época. Os elementos biográficos pecam, por vezes, por excesso de detalhes do foro privado, nomeadamente sentimental (5). A caracterização do período vivido por cada Grande Economista ajuda a melhor perceber a génese das suas contribuições para o avanço do conhecimento económico. Enfim, cada capítulo encerra com a discussão de pistas de utilização dos seus ensinamentos para se tentar resolver os problemas actuais.

Nem sempre estamos de acordo com o equilíbrio das descrições de Yueh.

Por exemplo, ao introduzir, em Marshall, o princípio da utilidade marginal decrescente (Pg. 100), ignora os fundadores do marginalismo – Jevons, Menger e Walras – até, bem mais tarde (Pg. 175), os recuperar, ao consagrar, a propósito de Schumpeter, algumas linhas à “*nova doutrina marginalista*”. Afirma, também, que Marshall “*traçava uma distinção entre produção e redistribuição tal como o fazia John Stuart Mill*” (Pg. 112). É verdade, mas, aqui, o injustiçado é Ricardo (1817, Pg. 25), que, em conhecida passagem do seu “*Prólogo Original*”, já defendera que “*O principal problema da Economia Política consiste em determinar as leis que regem esta distribuição*” (do produto final), posição reiterada em carta posterior a Malthus (citada em Keynes, 1936, Pg. 4).

Ou ainda ao escrever que North “*foi pioneiro na incorporação de instituições na análise económica*” (Pg. 284), omitindo seminais contribuições anteriores, com as de Veblen (aliás, indevidamente ausente da obra).

No Epílogo, “*O Futuro da Globalização*”, o livro começa por constatar que ela tem estado ligada à prosperidade económica, mas com benefícios desigualmente repartidos. Aliás, segundo Yueh, o Brexit e o trumpismo “*figuram entre as mais proeminentes expressões políticas de descontentamento com o status quo*” (Pg. 344), “*inclusive no que concerne à globalização*” (Pg. 329).

A fisionomia em mudança do comércio livre, com um afastamento dos acordos comerciais multilaterais dos membros da O.M.C., numa rota de fragmentação, conduz à análise sumária do que disse cada um dos doze Grandes Economistas quanto aos fundamentos de uma reacção adversa à globalização. A Autora junta-lhes, destacadamente, Samuelson, “*o último dos grandes economistas*

*generalistas*” (Pg. 342), como que tentando reparar a injustiça da sua exclusão da lista inicial.

O texto finaliza com uma observação pertinente: não obstante as discordâncias ferozes entre eles, os Grandes Economistas têm em comum que “*formulavam modelos genéricos para dar resposta aos maiores desafios económicos*” (Pg. 346). Daí o seu impacto duradouro na sociedade e a sua continuada relevância nos dias de hoje.

A possível aplicação dos contributos dos Doze para a solução das nossas dificuldades é iluminada pela utilização – numa louvável visão menos euro-atlântica – de exemplos, por vezes bastante pormenorizados, colhidos em economias como as da China, Japão, Vietnam, Índia, África do Sul ... o que ajuda a melhor veicular a mensagem da importância contemporânea da globalização.

Yueh adopta, por vezes, um estilo mais ligeiro, com descrições vívidas, de acesso mais atraente, não desprezando recorrer, na sua terminologia, a algumas anedotas (6) ou chistes. Uma amostra, citando Friedman, para aguçar o apetite do Leitor: “*Se se pusesse o Governo Federal a tomar conta do deserto do Sara, no espaço de cinco anos haveria uma escassez de areia*” (Pg. 259) (7).

## Edição portuguesa

A prontidão no lançamento da versão portuguesa estará, eventualmente, na origem de certas deficiências editoriais, com destaque para as falhas na tradução.

Assim, começa-se por enfatizar a omissão do índice remissivo, bastante completo, disponibilizado na edição original, instrumento relevante para facilitar a tarefa do leitor que queira ter uma visão mais apropriadamente interligada da riqueza de informação exibida pela obra. Essa listagem, ordenada em termos de autores – mais de centena e meia são mencionados – e de temas, deveria ter sido mantida. Por exemplo, seria mais fácil localizar a meia dúzia de referências feitas a Portugal. Curiosamente, o texto em português até conserva os agradecimentos ao seu “*ponderado compilador*” (Pg. 372)...

A tradução enferma de algumas imperfeições.

Começando pelas menos graves, atendendo, sobretudo, à frequência com que as encontramos no quotidiano das notícias, a tradutora refere-se à “*zona euro*” (Pg. 11), traíndo a designação rigorosa, “*euro area*” (Yueh, 2019, Pg. 1). E, insistentemente, identifica a OCDE como “*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*” (de facto, é “*Económicos*”). Incorreções tantas vezes repetidas...

Depois, traduz “*a commodity cheaper*” (Yueh, 2019, Pg. 38) por “*um bem a preço mais barato*” (Pg. 54), antecipando, diga-se a propósito, erro no próprio original (Yueh, 2019, Pg. 164), “*a cheap price*”, desta vez fielmente vertido na nossa edição.

Finalmente, um episódio hilariante: o “*Peel Banking Act*” de 1844 é “traduzido” como “*Decreto para o Esfolar da Banca*” (“sic”, Pg. 56), revelando manifesta ignorância da matéria em discussão. Chegámos mesmo a recear que, em seguida, iríamos, num assomo de literalidade, ser confrontados com as reflexões do americano Irving Pescador (8)...

Acabando com uma nota positiva, registre-se que esta edição ganha a Yueh (2019) no tocante à identificação visual dos Doze. Todos eles constam da galeria de retratos da capa: no original, apenas se exhibe oito.

## Conclusões

**É de saudar a** chegada desta obra ao mercado de língua portuguesa, sobretudo pela interligação entre o passado e o presente. Com frequência, os textos disponibilizados, à força de exaltarem o passado, como que nele permanecem.

Louvemos, portanto, o carácter dinâmico e instrumental do trabalho de Yueh: a História, deve, de facto, desempenhar o papel de elemento de conexão com a nossa realidade, para melhor a entender e enformar. Ou, preferentemente, como escreve, com ambição: “*talvez o seu discernimento possa ajudar o nosso futuro*” (Pg. 21). Aliás, como se defende na abordagem claramente assumida no programa de “História Económica e Social” desta Faculdade.

A imersão nas suas quase quatrocentas páginas constitui contributo relevante para ajudar a ultrapassar a insuficiência de conhecimento do passado, material e intelectual, combatendo a “*ignorância histórica*” de que, no entender de McCloskey (2002), sofrem os economistas. E a situação é tanto mais delicada se aceitarmos, com Schumpeter (1954, Pg. 36/7)), que o domínio da história é condição indispensável – de longe a mais importante – para que um economista seja caracterizado como “*científico*”.

Concluindo a apreciação do livro: recomenda-se a sua leitura. O eventual êxito no nosso meio poderá, outrossim, conduzir a nova edição, a aproveitar para corrigir as incorrecções assinaladas e aperfeiçoar a versão portuguesa. E, entretanto, mais em geral, servir para infirmar o aforismo de Huxley (1959): “*that men do not learn very much from the lessons of history is the most important of all the lessons that history has to teach*”.

## Notas

- 1) Yueh (2018). Nesta recensão, as citações em inglês referem-se a Yueh (2019).
- 2) Ou Blaug (1989 e 1997).

- 3) Com repercussão, em termos de avultados prejuízos , nas suas finanças pessoais.
- 4) Quesnay mereceria ter o seu nome impresso.
- 5) A jornalista (algo sensacionalista) a sobrepor-se à académica?
- 6) Quiçá algo influenciada por Mérimée: “*Je n’aime dans l’histoire que les anedoctes*” (Dournon, 1982, Pg. 422).
- 7) Partilhando: o presente comentador encontrara esta frase, com indicação do Autor, emoldurada numa instalação sanitária de um pequeno restaurante, à beira do rio Preguiças, em Barreirinhas, Piauí, Brasil.
- 8) No mesmo sentido, recordamos que a imprensa portuguesa chegou a designar as negociações comerciais multilaterais “*Kennedy Round*” como “*Kennedy Redondo*”.

## Referências

- Blaug, Mark (1989), *Great Economists since Keynes*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Blaug, Mark (1997), *Great Economists before Keynes*, Edward Elgar, Cheltenham.
- Butler-Bowdon, Tom (2017), *50 Economics Classics*, Nicholas Brealy Publishing, Londres e Boston.
- Dournon, Jean-Yves (1982), *Le Grand Dictionnaire des Citations Françaises*, Éditions Belfond, Paris.
- Huxley, Aldous (1959), *Collected Essays*, Harper & Brothers Publishers, Nova Iorque.
- Keynes, John Maynard (1936), *The General Theory of Employment, Interest and Money*, Macmillan and Co, Ltd, Londres e Basingstoke (citação no texto refere-se à edição de 1970).
- McCloskey, Deirdre (2002), *The Secret Sins of Economics*, Pricley Paradigm Press, Chicago.
- Ricardo, David (1817), *Principles of Political Economy and Taxation*, John Murray, Londres (citação no texto refere-se à versão portuguesa, *Princípios de Economia Política e de Tributação* (2001), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).
- Schumpeter, Joseph (1951), *Ten Great Economists from Marx to Keynes*, Oxford University Press, Oxford.
- Schumpeter, Joseph (1954), *History of Economic Analysis*, Oxford University Press, Oxford (citação no texto refere-se à versão francesa, *Histoire de l’analyse économique* (1983), Gallimard, Paris).
- Yueh, Linda (2018), *The Great Economists*, Viking Press, Nova Iorque.
- Yueh, Linda (2019), *The Great Economists*, Penguin Random House, Reino Unido.